

---

---

# REVISTA TAKA'A

---

---

## A LÍNGUA *NAKADO'TU* NO COTIDIANO DAS ALDEIAS E NO CONTEXTO ESCOLAR<sup>1</sup>

## THE *NAKADO'TU* LANGUAGE IN EVERYDAY VILLAGE LIFE AND IN THE SCHOOL CONTEXT

Wamen Kalapalo Negarotê  
Escola Municipal Indígena Vale do Guaporé  
<https://orcid.org/0009-0006-0787-8432>  
[wamenkn@gmail.com](mailto:wamenkn@gmail.com)

Lucimar Luísa Ferreira  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
<https://orcid.org/0000-0001-6105-4684>  
[lucimar.luisa@unemat.br](mailto:lucimar.luisa@unemat.br)

Mônica Cidele da Cruz  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
<https://orcid.org/0000-0001-6169-0760>  
[monicacruz@unemat.br](mailto:monicacruz@unemat.br)

### RESUMO

Este artigo apresenta a situação sociolinguística do povo *Nakado'tu*-Negarotê, focando o uso da língua materna nas aldeias e na Escola Municipal Indígena Vale do Guaporé, localizada na aldeia Central Negarotê, dentro da Terra Indígena Vale do Guaporé, no município de Comodoro-MT. Ele foi produzido como requisito para a disciplina “Políticas Linguísticas”, ofertada no curso do Mestrado Profissional do programa de pós-graduação em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural”-PPGECII/UNEMAT. O objetivo principal é mostrar como a língua *Nakado'tu* é utilizada, tanto nas comunidades quanto no ambiente escolar. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas com anciãos, lideranças, professores e jovens, a fim de compreender a dinâmica linguística e os desafios enfrentados pelo povo *Nakado'tu* no contexto atual.

---

<sup>1</sup> Esse artigo foi apresentado no V Congresso Científico Internacional sobre Povos e Comunidades Tradicionais da RedeCT – Rede Internacional de pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidade Tradicionais.

**Palavras-chave:** Sociolinguística, Língua *Nakado'tu*, Política linguística.

### ABSTRACT

This article presents the sociolinguistic situation of the Nakado'tu-Negarotê people, focusing on the use of their mother tongue in the villages and in the Vale do Guaporé Indigenous Municipal School, located in the Central Negarotê village, within the Vale do Guaporé Indigenous Land, in the municipality of Comodoro-MT. It was produced as a requirement for the subject "Language Policies", offered in the Professional Master's course of the postgraduate program in "Teaching in an Intercultural Indigenous Context" -PPGECII/UNEMAT. The main objective is to show how the Nakado'tu language is used, both in the communities and in the school environment. The research follows a qualitative approach, based on interviews with elders, leaders, teachers and young people, in order to understand the linguistic dynamics and challenges faced by the Nakado'tu people in the current context.

**Keywords:** Sociolinguistics, Nakado'tu language, Language policy. cultural.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo investigar o contexto sociolinguístico da língua *Nakado'tu*, que pertence à família linguística Nambikwara, considerada isolada. Embora existam textos que descrevam o povo Nambikwara como único povo, nós mesmos não nos vemos dessa forma, pois reconhecemos a diversidade entre os diferentes grupos. Ressaltamos que somos *Nakado'tu*, nome ancestral do nosso povo. Este trabalho visa focar, especificamente, nosso povo *Nakado'tu*-Negarotê, destacando aspectos particulares da nossa cultura e língua.

O estudo concentra-se no uso e na dinâmica da sociolinguística, no cotidiano de nossas comunidades indígenas das aldeias Nova Geração, Central Negarotê e Buriti Negarotê, bem como, na Escola Municipal Indígena Vale do Guaporé, da aldeia Central Negarotê, localizada na Terra Indígena Vale do Guaporé, no município de Comodoro, estado de Mato Grosso, Brasil. A pesquisa visa apresentar uma compreensão detalhada de como nossa língua é utilizada nas interações cotidianas das comunidades quanto no ambiente escolar, destacando a importância de nossa língua materna, na manutenção da identidade cultural e no processo educacional. A língua falada por nós pertence ao ramo da família linguística Nambikwara, sendo considerada uma família linguística isolada. Isso significa que, até o momento, não foi identificada nenhuma relação com outros troncos linguísticos conhecidos no mundo. Conforme Price (1972), a família linguística Nambikwara pode ser dividida em três grandes grupos de línguas faladas em

diferentes regiões do território Nambikwara: Sabanê, Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul.

De acordo com os estudiosos, a língua *Nakado'tu* pertence à ramificação do Nambikwara do Norte. E “as línguas que fazem parte de uma mesma ramificação são mutuamente inteligíveis entre si, mas apesar disso, guardam diferenças que são consideradas pelos grupos falantes como marcas de sua identidade étnica.” (Braga, 2017, p.21). Essas diferenças linguísticas são a marca e diferença de nossa identidade. Embora para observadores externos possa parecer a mesma língua, para nós a nossa língua materna é muito mais do que um meio de comunicação, ela é a fundamental para a nossa identidade cultural, carrega a nossa ancestralidade, representa nossa existência e resistência ao longo do tempo.

Quanto à metodologia de pesquisa, é qualitativa, com análises bibliográficas, entrevistas com anciãos, líderes da comunidade, jovens/estudantes e professores, bem como, com a observação direta no/do ambiente de nossa escola, localizada na aldeia Central Negarotê. O objetivo é analisar a situação sociolinguística da língua materna, observando como ela está sendo usada dentro do contexto social e ambiente pedagógico.

### **Uma breve contextualização do nosso povo *Nakado'tu*-Negarotê**

Nosso povo autodenomina-se *Nakado'tu*, que significa "gente/povo". O nome Negarotê foi imposto pelos colonizadores devido à dificuldade em pronunciar o nome original, o que resultou em uma identificação externa que não reflete a verdadeira essência de nossa identidade. Contudo, ao longo das gerações, estamos nos empenhando em transmitir o nome correto para preservar a nossa identidade autêntica.

Estamos localizados na Terra Indígena Vale do Guaporé, no município de Comodoro-MT, a aproximadamente 640 quilômetros de Cuiabá, capital de Mato Grosso. Atualmente, nossa população é de cerca de 230 pessoas, e está distribuída em nove aldeias; cada aldeia tem o seu cacique local, que a organiza. Além dos caciques, há as lideranças de cada aldeia e, quando precisam tomar algum tipo de decisão que venha a afetar o modo de viver das comunidades, juntam-se em assembleia. Entre essas lideranças estão os professores, agentes indígenas de saúde (AIS), agentes indígenas de saneamento AISAN, pajé e anciãos. Além de nós, há mais cinco povos Nambikwara vivendo na mesma região: Alantesu, Hahaintesu, Mamaindê, Waikisu e Wasusu, este último, situado entre o município de Comodoro-MT e Nova Lacerda-MT. As

etnias respeitam mutuamente os limites territoriais estabelecidos entre si, *delimitação imaginária* do território. A *delimitação imaginária* a que nos referimos diz respeito à maneira como nosso povo estabelece e respeita os limites territoriais entre os Hahaintesu e os Mamaindê.

Entre nós, há um entendimento de que determinadas áreas pertencem às etnias vizinhas, mesmo sem uma demarcação física. Essas informações territoriais são transmitidas de geração em geração, existindo muito antes da invasão dos *Kayaugiru* (não indígenas) em nossas terras.

Trabalhamos com agricultura de subsistência, cultivando roças tradicionais, manualmente, e por famílias ou de forma comunitária, onde são plantados alimentos tradicionais. Além disso, a prática da caça, da pesca e a coleta de frutos nativos são essenciais para o sustento das famílias e, desde pequenos, os filhos acompanham os pais na caça e na coleta de frutas. Durante a época de plantio, todos se envolvem, desde os adultos até as crianças. Esses momentos permitem uma maior aproximação entre pais e filhos, proporcionando a transmissão de ensinamentos, utilizando a língua materna. Dessa forma, o povo vive em sustentabilidade com os recursos naturais e em harmonia com a natureza.

Também produzimos artesanatos, uma prática ancestral e que tem sido transmitida de geração em geração. Cada detalhe de nossos produtos possui um significado profundo e uma linguagem única que só nosso povo compreende. As mulheres e homens confeccionam peças que são utilizadas no cotidiano e outros em rituais. Os artesanatos produzidos para rituais sagrados não podem ser comercializados, pois acreditamos em sua espiritualidade e significados profundos. Por isso, quando produzimos peças para venda, criamos especificamente para esse fim, respeitando nossas tradições espirituais. São comercializadas de forma autônoma para gerar uma pequena renda para as famílias. A principal fonte de renda das famílias é garantida pela produção agricultura familiar e da venda de artesanatos, além do auxílio recebido através do programa governo “Bolsa Família” e do emprego daqueles que atuam nas aldeias na área de saúde e educação.

Os rituais são uma parte fundamental da vida cultural para nós, *Nakado'tu*. Entre os principais estão: a pajelança e o ritual de passagem da menina para mulher, ou seja, uma para a vida adulta, na perspectiva da visão cultural do povo, conhecida como "Festa de Menina Moça",

a flauta sagrada, sendo esta última praticada, exclusivamente, pelos homens, enquanto as mulheres participam das oferendas, mas não têm permissão para observar o ritual em si.

Somos falantes da língua materna, e nossa comunicação ocorre, predominantemente, no idioma. A exceção são as pessoas que vieram de outras regiões, ou seja, devido aos casamentos interétnicos. Em nosso cotidiano, a língua materna é falada por adultos, jovens e crianças, desempenhando na comunicação da comunidade. Os anciãos são fundamentais, pois são os principais conhecedores do idioma e transmissão das linguísticas. Os jovens, por outro lado, são bilíngues, fala na língua materna quanto o português. As pessoas de fora, que são dos casamentos interétnicos, tendem a falar língua colonial como língua principal. Os filhos desses casamentos mostram uma diversidade linguística: alguns falam fluentemente a língua materna e o português, enquanto outros falam em português, compreendendo a língua materna, porém se comunica respondendo em português.

Dentro das aldeias, a língua materna está passando por mudanças, devido à interação com outras culturas e a variação linguística, resultado de casamentos entre nosso povo e o grupo Mamaindê. As diferenças linguísticas entre os dois povos são evidentes na pronúncia e no vocabulário. A nossa língua materna apresenta variações linguísticas quando comparada ao Mamaindê, um grupo étnico vizinho. Por exemplo, a palavra *walikatu* é a língua materna do *Nakado'tu* para se referir a "faca", enquanto os Mamaindê utilizam o termo *yu'du*. Para nós, *Nakado'tu*, *yu'du* refere-se a uma faca feita de bambu, indicando uma diferença na especificidade dos objetos referidos. Para denominar "pernilongo" na nossa língua, usamos *kadeu'diru*, já os Mamaindê usam *nānigidu*. Essas diferenças linguísticas que existem entre os dois grupos refletem a riqueza e complexidade das línguas indígenas na região. Essas variações são compreendidas pelos falantes, devido ao contexto, mas a presença crescente de termos do Mamaindê na língua *Nakado'tu* é um reflexo das mudanças culturais, resultantes dos casamentos interétnicos.

Nossa língua materna exerce um papel essencial nas práticas culturais e na espiritualidade, presentes nas músicas ancestrais, rituais e na cosmologia. A comunicação na língua materna também fortalece os vínculos da coletividade. Entretanto, em plataformas digitais como grupos de *whatsApp*, nos grupos da comunidade local, os jovens preferem se comunicar em português, seja por meio de áudios, ou mensagens escritas, enquanto os mais velhos mantêm o uso da língua materna. Essa mudança pode estar relacionada à ausência de materiais específicos escritos em *Nakado'tu* que podem estar contribuindo para a insegurança

dos falantes em relação à escrita na língua materna. Tal situação pode ocorrer, entre outros fatores, quando “o bilinguismo subtrativo ainda se encontra presente nas escolas indígenas na medida em que a língua portuguesa ocupa um papel privilegiado nas atividades desenvolvidas com as crianças” (Paula, 2018, p. 30).

Nossa língua materna enfrenta desafios significativos no ambiente escolar, onde as crianças têm um contato ativamente com a língua portuguesa e com os materiais didáticos padronizados enviados para escola, todos em português. Além disso, as novas tecnologias, como o uso de celulares e o acesso à internet têm exercido uma influência significativa para o silenciamento da língua. Os conteúdos acessados, por meio dessas tecnologias, estão, predominantemente, relacionados à língua portuguesa.

Com base nessas discussões e, em atendimento ao objetivo proposto para este trabalho, apresentaremos, na próxima seção, a realidade sociolinguística de três aldeias que são o foco principal dessa pesquisa, além de uma consideração sobre uso da língua materna no contexto escolar da comunidade.

### **O uso da língua *Nakado'tu* em nossas comunidades**

Iniciamos, primeiramente, trazendo a situação sociolinguística da aldeia Central Negarotê, a segunda é a Nova Geração, e a terceira, a aldeia Buriti. Por fim, encerraremos a discussão, explorando o impacto e a importância da escola no contexto do nosso povo *Nakado'tu*.

Todos nós estamos localizados na Terra Indígena Vale do Guaporé, município de Comodoro-MT. Essas aldeias são representadas por duas associações indígenas: a Associação dos Povos Indígenas Negarotê e *Tamandu* (APINETA), que é a organização mais antiga, e a Associação das Comunidades Indígenas Negarotê e *Marrãlotiru* (ACINEMÃ). Ambas as associações trabalham em prol de melhorias para as comunidades e atuam como representantes legais do povo.

A aldeia Central Negarotê é composta por 13 famílias, totalizando 53 habitantes. Na aldeia, a língua materna é amplamente falada por adultos, jovens e crianças, com exceção de um homem do povo Latundê que não fala a língua local. Apesar dos casamentos interétnicos, todos os moradores falam o idioma da aldeia, embora haja variações linguísticas, que alteram algumas palavras, alterando diferenças nas pronúncias. As crianças, frequentemente, brincam e

conversam na língua materna, enquanto os adultos usam o português para se comunicar com não indígenas ou pessoas de outros povos.

No contexto sociolinguístico da aldeia Nova Geração, onde resido com minha família, há três famílias na aldeia. Os falantes ativos da língua materna são meus avós, eu e minha filha, que está em processo de aprender a língua, pois ela convive com duas línguas, a língua materna e o português, e pronuncia palavras em ambas, assimilando gradualmente o vocabulário. Quatro pessoas na aldeia são falantes passivos da língua, ou seja, compreendem a língua materna, mas respondem em português quando conversamos com elas.

As crianças na aldeia são filhos de uniões interétnicas. O pai dos meus filhos, quanto dos meus irmãos, tem o português como primeira língua. Durante a fase de aquisição de ambas as línguas, meus irmãos tiveram mais contato com o português e frequentaram escolas urbanas, onde a língua predominante era o português. Minha mãe optou por falar mais em português com eles, o que levou ao abandono gradual da língua materna. Isso é um caso de deslocamento linguístico, que “acontece quando, em situações de bilinguismo, a língua dominante vai, pouco a pouco, ocupando o território comunicativo da língua dominada (Brasil, 1998, p.118).

No caso dos meus filhos, sempre incentivei o uso da língua materna desde pequenos. No entanto, quando meu primeiro filho tinha um ano e meio, precisei deixá-lo com o pai e a avó paterna, que são falantes de português, enquanto eu me dedicava aos estudos fora de casa por dois meses e meio. Durante esse período, meu filho passou a maior parte do tempo em um ambiente onde se falava apenas português, o que contribuiu para o desenvolvimento da sua fala nessa língua. Quando comecei a trabalhar na secretaria de educação e coloquei meu filho na creche em tempo integral, ele passou ainda mais tempo em um ambiente predominantemente em português. Além disso, as novas tecnologias, como celulares, e a exposição a músicas de origem ocidental têm moldado a nova geração. A escolarização em ambientes urbanos também contribui para essa afinidade linguística.

Apesar desses desafios, temos incentivado a participação em festas tradicionais para ressaltar a importância de manter a língua materna viva. Estamos trabalhando para que as crianças se tornem falantes ativas da nossa língua, fortalecendo a transmissão intergeracional e revitalizando o uso da língua materna dentro da comunidade.

Figura 1: Momento de dança tradicional



Foto: Wamen Kalapalo Negarotê, 2024

Na aldeia Buriti, composta por 14 famílias e 53 habitantes, a língua mais falada é o Mamaindê, devido à alta frequência de casamentos interétnicos com essa etnia. Isso resulta em um maior contato das crianças com a língua Mamaindê, fazendo com que poucas palavras do idioma *Nakado'tu* sejam pronunciadas. Além disso, há um homem na aldeia que não fala a língua materna, pois é de outro povo, embora ele entenda algumas frases. Seus filhos, no entanto, falam a língua materna.

Na próxima seção, trataremos sobre a língua materna no contexto escolar.

### **A língua *Nakado'tu* no contexto escolar**

No contexto escolar, os desafios enfrentados na educação infantil e no ensino fundamental I são significativos, especialmente, no que diz respeito ao letramento em comunidades indígenas. Quando os professores não indígenas atuam nessas comunidades, eles frequentemente enfrentam grandes dificuldades para lecionar, o que afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem.

A ausência de material pedagógico específico para o ensino da língua materna agrava essa situação, forçando os educadores a aprenderem a língua local para poderem ministrar as aulas. No entanto, essa exigência é desafiadora, e nem todos os profissionais estão dispostos a contribuir para a preservação da cultura indígena.

A barreira linguística é apenas um dos obstáculos; os materiais estruturados em língua portuguesa, alheios à realidade vivida pela comunidade, também dificultam a realização de um trabalho eficaz. E aqui concordamos com as seguintes palavras:

Mais uma vez é negado aos povos indígenas o direito essencial de usar suas línguas para a comunicação, seja em que contexto for, a não ser em suas próprias comunidades na modalidade oral, nas funções e domínios sociais considerados de menor prestígio pela sociedade envolvente (Braggio, 2002, p.135).

A gestão e coordenação educacional, por sua vez, têm adotado uma postura inadequada ao ignorar a participação das comunidades indígenas na elaboração do projeto político-pedagógico (PPP) das escolas estaduais. Esse PPP, frequentemente, subestima a competência dos profissionais indígenas, desconsiderando suas práticas pedagógicas e habilidades no manuseio de tecnologias.

Além disso, os materiais utilizados são padronizados para todos, sem levar em conta as especificidades culturais e linguísticas de cada povo. Mesmo as formações presenciais e *online* oferecidas aos professores não refletem a realidade indígena, o que torna ainda mais difícil o ensino e aprendizagem em turmas multisseriadas. Os professores, por sua vez, tentam buscar soluções criativas para ajudar os alunos, mas a falta de apoio e parcerias torna esse trabalho ainda mais árduo (Ferreira, Zoia e Almeida, 2024).

Para atender às demandas escolares, os educadores procuram elaborar atividades interdisciplinares que visam revitalizar a cultura e engajar os jovens que, muitas vezes, demonstram desinteresse. Percebemos que ao chegarem à adolescência, esses jovens frequentemente, se sentem envergonhados em falar sua língua materna, associando o uso do português a um *status* de superioridade. Somado a isso, a falta de materiais adequados para o ensino da língua materna contribui para que ela seja esquecida. Embora ambas as línguas sejam importantes, os jovens têm optado pelo português, devido à maior exposição a jogos, redes sociais e outras influências do contexto social, o que acelera a perda da língua materna.

Sobre a imposição de matrizes coloniais na escola, também, entendemos que:

Isso ocorre por vários motivos, seja pela imposição de matrizes curriculares por parte de Secretarias Estaduais ou Municipais de Educação que não cumprem a legislação específica da educação escolar indígena, seja pela concepção implementada pelo SIL, de que as línguas indígenas só são necessárias no momento da aquisição da escrita (Paula, 2018, p.30).

Apesar desses desafios, nós, profissionais dedicados à (re)vitalização da língua materna, buscamos maneiras de valorizá-la e fortalecê-la, promovendo rodas de conversa com os alunos, anciãos, pajés e lideranças da comunidade, além de envolver a comunidade na vida escolar.

Figura 2: Alunos em conversa com anciãos



Foto: Wamen Kalapalo Negarotê, 2024

Os professores não indígenas que são comprometidos com a educação indígena da comunidade desempenham um papel significativo na (re)vitalização da cultura, contribuindo dentro de suas possibilidades para a preservação das tradições. No entanto, há também aquelas que, por falta de interesse, não se empenham em apoiar a preservação cultural. Esses profissionais, muitas vezes, demonstram descrença em relação às crenças e práticas culturais indígenas, questionando sua veracidade e relevância. Essa atitude não só dificulta o trabalho de

preservação cultural, como também, pode gerar um ambiente de desrespeito e desvalorização das tradições indígenas dentro do contexto da educação do povo.

As práticas educativas dentro da escola em que as crianças estão inseridas desempenham um papel crucial na (re)vitalização da língua materna. Na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças têm utilizado a língua materna tanto na escola quanto em casa. Contudo, nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, a comunicação entre os alunos se dá, frequentemente, em ambas as línguas. Também observamos que os meninos, em particular, preferem falar em português. Quando questionados sobre essa preferência, muitos alegam enfrentar dificuldades ao falar na língua materna, especialmente, em relação a termos novos ou objetos que não pertencem a nossa cultura, para os quais não existem palavras no idioma.

Figura 3: Crianças Negarotê no contexto escolar



Foto: Wamen Kalapalo Negarotê, 2024

No contexto escolar, os alunos falam tanto a língua materna *Nakado'tu*, quanto a língua do povo Mamaindê, refletindo a variação linguística existente na comunidade. No entanto, entre os jovens, a língua Mamaindê tem ganhado destaque, influenciada pelos casamentos interétnicos. Já a língua portuguesa, por sua vez, tem se inserido com força crescente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de nossa pesquisa, os resultados mostram que, embora nossa língua *Nakado'tu* ainda seja falada nas aldeias, a influência crescente do português e da língua Mamaindê, junto com o impacto das tecnologias e da exposição a culturas externas, estão levando as pessoas deixarem de falar a nossa língua materna. Na escola, a falta de materiais específicos, a falta de incluir professores indígenas e a dificuldade dos professores não indígenas em ensinar a língua materna agravam a situação.

Apesar dos esforços para (re)vitalizar a língua, como atividades culturais e a participação da comunidade, alguns jovens não estão demonstrando interesse em participar dos eventos culturais, preferindo falar a língua portuguesa, embora entendam a língua materna. Somado a isso, há, ainda, o desinteresse de alguns professores não indígenas que estão acelerando o risco de desaparecimento da nossa língua ancestral.

Diante dessa situação, consideramos crucial a produção de materiais pedagógicos adequados à realidade do nosso povo *Nakado'tu*-Negarotê e a formação de professores indígenas que compreendam e valorizem a cultura indígena. Além disso, é preciso o envolvimento das comunidades na elaboração dos projetos pedagógicos para garantir a continuidade da língua *Nakado'tu* e fortalecer a identidade cultural.

Outra questão importante é que educação bilíngue aditiva deve ser o eixo central dessa política, garantindo que nossa língua *Nakado'tu* seja ensinada e valorizada, desde a educação infantil até os níveis mais avançados, sem ser apagada pela língua portuguesa, como ocorre no cenário atual. A política linguística deve incluir a qualificação de professores indígenas, que sejam capazes de ensinar a língua materna com propriedade, além de assegurar a produção de materiais pedagógicos específicos na língua *Nakado'tu*, como: livros, vídeos, aplicativos e outros recursos multimídia. Embora as secretarias de educação enviem materiais estruturados, estes não contemplam as especificidades culturais e linguísticas do nosso povo, sendo necessária a criação de conteúdos específicos que reflitam nossa realidade.

Para (re)vitalizar nossa língua *Nakado'tu* é imprescindível um esforço coletivo que envolva todos os atores da comunidade. Esse fortalecimento só ocorrerá se houver uma conscientização sobre a importância da preservação da língua e um compromisso firme com sua valorização, especialmente, por parte das pessoas que estão à frente da educação escolar indígena e dos gestores que estão à frente de nossa escola. Para isso, também, é fundamental o

envolvimento das comunidades em atividades que promovam o uso de nossa língua *Nakado'tu* e incentivem a sua prática cotidiana, principalmente, entre as crianças, sem contar que a transmissão intergeracional é um fator crucial para que a língua continue viva.

O uso de tecnologias de inovação e indígenas pode ser valioso para a (re)vitalização de nossa língua ancestral, além de parcerias com instituições que apoiem a preservação linguística. Essas ações, em conjunto, são essenciais para garantir a continuidade da língua *Nakado'tu* e o fortalecimento da identidade cultural do nosso povo.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Ana Gabriela Modesto. **Fonologia Negarotê: análise fonológica da língua do grupo Negarotê (Família Nambikwara)**. Dissertação de Mestrado. *Vrije Universiteit Amsterdam*. VU Research Portal, 2017.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Políticas e direitos linguísticos dos povos indígenas brasileiros**. *SIGNÓTICA*, 14: 129-146, jan./dez. 2002

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI**. MEC, Brasília: MEC, 1998.

FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcântara, ZOIA, Alceu, ALMEIDA, Elizabeth Rezende. Produção de materiais pedagógicos (didáticos) em escolas indígenas: uma parceria entre universidades e aldeias. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 40, p. e402404, 2024. DOI: [10.30681/faed.v40i.12577](https://doi.org/10.30681/faed.v40i.12577). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/12577>. Acesso em: 16 dez. 2024.

PAULA, Eunice Dias de. O ensino de línguas nas escolas indígenas. In: BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal (Org). **Estudos de línguas e educação indígena**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

PRICE, David. **Nambikwara Society**. Tese. Chicago: University of Chicago, 1972.

## Histórico

Submetido: 02 de dezembro de 2024.

Aprovado: 17 de dezembro de 2024.

Publicado: 17 de dezembro de 2024

## Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

